

NAS FRONTEIRAS DA GEOGRAFIA E DA HISTÓRIA: JOSUÉ DE CASTRO E SUAS REFLEXÕES SOBRE A OCUPAÇÃO HOLANDESA NO RECIFE - 2º Fase

Álvaro Gabriel dos Santos Pinho[1]

Resumo
Compreender a formação de um lugar é, sobretudo analisar as rotas e os caminhos que o constituíram. Assim como, conhecer a trajetória de um homem é analisar os percursos que foram construídos ao longo de sua história. É a partir da relação entre vida, obra e percursos intelectuais que este trabalho se situa. Tendo em vista as representações e reflexões de Josué de Castro sobre a ocupação holandesa na cidade do Recife, analiso também alguns cenários da sua trajetória intelectual. Nessa perspectiva, refletir sobre o momento que ingressa, por meio de um concurso para professor catedrático na Universidade do Brasil, se faz necessário. A partir do livro *Fatores de Localização da Cidade do Recife* (1948) e da análise da documentação presente no Acervo Pessoal Josué de Castro, salvaguardado pela Fundação Joaquim Nabuco, busco investigar como a produção de Josué de Castro o atesta como geógrafo, conciliando a Geografia Humana com o panorama geográfico e histórico da cidade do Recife. Desse modo, para pensar essas questões, utilizarei como fontes históricas, livros, periódicos e fotografias.

Palavras-chave: Josué de Castro. Ocupação Holandesa. Geografia e História.

Introdução

De etimologia grega, Geografia significa "descrição ou grafia da terra". Descrever sempre fora necessário aquele homem sentado diante daquele grupo de pessoas. Quantas vezes, não descreveu paisagens, musculaturas, acontecimentos históricos, quadros clínicos, relevos e pessoas? A descrição fazia parte intrinsecamente do seu *patoá*. Porém, aquele intelectual não estava naquele lugar somente pela sua capacidade descritiva, mas sim, por outro aspecto de suma importância na Geo*grafia*, a escrita.

Sentado numa ampla e austera sala, o homem encarava uma plateia atônita. Sobre ele recaiam diversos olhares: dos homens trajados de ternos de diferentes tonalidades com avantajadas ombreiras ás poucas mulheres na plateia que observavam a cena com atenção. Densas colunas de mármore ladeavam o espaço

[1] Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Voluntário CNPQ no Programa Institucional de bolsas a Iniciação Cientifica – PIBIC. E-mail: alrimp16@gmail.com



em que uma rústica banca de madeira se estendia e nela homens sequencialmente entoavam ritos solenes e proferiam discursos. A cena poderia ser naturalmente de um julgamento, e analisando por uma certa perspectiva, realmente era. Mas não um julgamento comum, de caráter inquisitório, pois como o jornal *O Globo* noticiaria na sua edição de 05 de abril de 1948:

> Este concurso de Geografia Humana foi mais uma mesa redonda ou um simpósio, tal a confluência de autoridade científica, tal o desembaraço e o desejo real de discutir o problema sem preconceitos apriorísticos como se observou ali. Longe desta tertúlia aquela malsinada técnica do arguidor de teses cuja primeira atitude é tentar pulverizar o candidato, num esforço traumatizante, baseado num ataque e na destruição sistemática desenvolvidos (O GLOBO, 1948) .

O "julgamento" na realidade era a ocasião de pose na Cátedra de Geografia Humana da então Universidade do Brasil, atualmente a Universidade Federal do Rio de Janeiro. E o "réu" era Josué Apolônio de Castro, na época com 40 anos de idade, um intelectual em plena ascensão. Ele fora julgado pela sua escrita, no trabalho para aquele concurso que lhe permitiu tornar-se um catedrático.

O livro intitulado *Fatores de Localização da Cidade do Recife*, discursava em suas páginas sobre os diversos fatores que formaram a configuração urbana daquela cidade tal como a conhecemos atualmente. *Fatores*, é um capítulo marcante da trajetória de Castro, pois o consolida como um acadêmico de renome, na mesma medida que lhe permite chegar a um local ideal para a divulgação das suas obras no exterior. Paralelamente é também o final de uma jornada que começa desde os tempos da graduação em Medicina, passando por seu retorno ao Recife e posteriormente a sua ida para a então capital-federal, o Rio de Janeiro.





Fig. 1: Posse de Josué de Castro na Cátedra de Geografia Humana da Universidade do Brasil, 1948. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias.

Dos primeiros passos a volta para terra natal

Os primeiros passos de Josué de Castro foram dados na década de 1920. Nessa conturbada época em que ocorriam tantos acontecimentos tais como: as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, a Semana de Arte Moderna de São Paulo e o levante do Forte de Copacabana, ocorria também um momento importante para o desenvolvimento da ciência no Brasil, com a criação de novas instituições de divulgação e pesquisa científica. Nesse cenário "a autoridade médica tendia a crescer impulsionada pela extensão e pelo êxito da aplicação da ciência em diversos campos da medicina, especialmente nos de higiene pública e medicina preventiva" (AMORIM, 2016) Nessa conjuntura Josué iniciou seus estudos médicos na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo posteriormente, solicitado a transferência do curso para o Rio de Janeiro. Os três anos em que viveu na Bahia acabaram proporcionando a criação da primeira rede intelectual importante na sua vida, dentre os amigos figuraram os futuros antropólogos, Arthur Ramos e Théo Brandão.



Mediante a esse panorama uma pergunta se faz necessária: porque o jovem Josué de Castro escolheu graduar-se em Medicina? A resposta virá das palavras do próprio Castro ditas em uma entrevista à *Revista Manchete* na década de 1960:

> Nasci no Recife, no número 1 da Rua Joaquim Nabuco. Eu escrevia o nome de Nabuco, mesmo sem saber quem ele era. Depois foi uma personalidade que me interessou sempre. (Mais tarde não fui ser médico por vocação, mas porque mamãe sonhava com isso). Acabei meus preparatórios com 15 anos de idade. Falsificaram-me a idade para que eu pudesse entrar na faculdade. Me formei, com 21 anos e meio. Papai queria que eu estudasse na Bahia. Aí fiquei três anos. (...) Terminei a faculdade em 1929, no Rio, pois só fiz os três primeiros anos na Bahia (MANCHETE, 1960)

"Em um olhar sobre o passado", Josué de Castro constrói um discurso que passa a ideia de que a medicina não era o seu objetivo constante." (AMORIM, 2016) Podemos analisar que Castro se utilizou muito mais da Medicina como agregadora e facilitadora de outros conhecimentos, do que propriamente como pilar fundamental da sua carreira profissional. Mesmo assim Josué exerceu a medicina por muitos anos e manteve consultórios primeiramente no Recife e depois no Rio de Janeiro, até meados dos anos 1950, dedicando-se às especialidades de nutrição e de gastrenterologia. Em outra entrevista, Josué de Castro relata suas experiências nos cursos de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro:

A princípio uma impressão de deslumbramento e de veneração por seus velhos muros, pela austera fachada da sua Escola. Depois de desencanto no que diz respeito ao ensino, ora ali ministrado. Aliás, não só a Faculdade da Bahia, mas depois a do Rio, também me desapontou por completo. Entrei com um grande entusiasmo e saí com o interesse quase morto pela maioria dos assuntos, na forma em que eram apresentados. Poucos professores me entusiasmaram. Na Bahia, destaco o velho mestre Pirajá da Silva, figura veneranda de homem de estudo e o professor de Fisiologia, Aristides Novis, que me arrebatou muitas vêzes com o brilho literário de suas preleções. Virei —fisiólogo‖ em dois tempos. Estudei com furor, conquistei uma distinção na cadeira e a amizade do mestre que perdurou até a sua morte. Na Faculdade do Rio, a grande figura que me encheu de encanto foi a do



Prof. Antônio Austregésilo, sem dúvida uma das maiores vocações que teve o ensino médico brasileiro.[2]



Figura 2: Retrato de formatura de Josué de Castro na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 1929. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias. Pasta 8.

Após a conclusão do curso de Medicina, Castro passa um período no exterior retornando ao Recife em 1930. Naquela época a cidade esteva a plena transformação, o conceito de *localização estratégica* tão mencionado por Josué na sua obra estava sendo efetivado mais do que nunca, pois com uma cidade polo, o Recife se tornou "uma referência de passagem para trabalhadores sazonais, comerciantes e para aqueles que procuravam centros médicos para algumas doenças, bem como um importante centro de saber." (AMORIM, 2016)

Nesse panorama, um jornal de Recife intitulado, *A Província*, noticiava aos leitores o retorno de Josué de Castro: "- De regresso do México, o médico e intellectual inicia hoje, na *A Província*, uma série de artigos em que fixa aspectos interessantes da Revolução Mexicana." (A PROVÍNCIA,1930) A coluna que se seguirá por uma série de edições irá relatar as percepções de Josué sobre os acontecimentos que estavam ocorrendo no México. Devemos notar que a menção

[2] Segundo Amorim esse trecho de entrevista foi encontrado quando a Profª Tânia Elias Magno da Silva realizou pesquisas para a sua tese de doutorado. Naquele momento, o acervo pessoal de Josué de Castro ainda estava sob guarda do Centro Josué de Castro. A descrição utilizada pela autora foi: ---------- Entrevista datilografada sem indicação de data.



de intelectual ao médico recém formado, provavelmente era uma estratégia do jornal para chamar atenção dos leitores para a coluna, mas além disso o termo —intelectual denota um lugar social que era pertencente aos profissionais de medicina e a um campo de atuação para além das ciências médicas. “Muitos profissionais da saúde eram também, escritores, poetas, dramaturgos. A coluna perdura por alguns meses e o exercício da escrita do jovem médico passa a ser constante nos jornais locais do estado.” (AMORIM, 2019)

Também no Recife, Castro iniciou outro importante traço da sua carreira: a docência. Os relatos sobre as suas aulas são escassos, mas aqueles que estão disponíveis trazem algumas informações importantes. As aulas do período em que foi professor da Faculdade de Medicina do Recife são lembradas por um aluno que posteriormente haveria de transforma-se em um amigo, o médico Jamesson Ferreira Lima:

> Nos deparamos na sala de aula, com um jovem moreno, na casa dos vinte, magro e alto, de calças escuras e paletó pesado, cinzento esverdeado, estilo europeu, falando sobre metabolismo basal. O assunto pouco tinha de particularmente agradável. Ao contrário era difícil e técnico. Mas o conteúdo decorria em prosa ágil, viva, e a figura do expositor se situava numa contradição entre o ar pretensioso e a maneira simpática e eloqüente da preleção. (...) exposição se fazia neste tom comunicativo, fixando todos ao tema. Daí em diante continuei ouvindo as palestras com regularidade (AMORIM,2016)

A figura do professor começava a ganhar forma, e é através dela que Castro vai cada vez mais se aproximar do campo das Ciências Humanas. Em 1933, haverá um marco decisivo nessa aproximação sendo ele um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife.

> Acaba de ser fundado em Pernambuco mais um estabelecimento de ensino superior. Por iniciativa de um grupo de *intellectuaes*, do qual faz parte o Dr. Josué de Castro, Professor da Faculdade de Medicina do Recife e autor de várias obras de valor *scientífico*, fundou-se na importante cidade Nordestina, a Faculdade de *Phylosofia* e *Sciencias Sociaes*, cujo *programma* representa apreciável avanço na cultura sociológica *daquelle* Estado. A Faculdade lecionará as seguintes matérias: História, Sociologia, Antropogeografia Social, Economia Política, Introdução Biológica as *Sciencias Sociaes, Hygiene* Social,



> *Psycologia* e *Phylosofia*. Corpo docente: está assim organizado: Drs. Olívio Montenegro, Josué de Castro, que ensinará Antropogeografia Social, Nelson Coutinho, Annibal Bruno, Ulysses Pernambucano, Sylvio Rabello e Bezerra Coutinho. A inauguração será 1 de setembro (CORREIO DA MANHÃ, 1933)

A notícia veiculada pelo *Correio da Manhã* destacava a importância da fundação dessa instituição, que na época representava uma novidade no campo das ciências humanas e sociais no Recife e no Nordeste. Além disso temos o primeiro contato de Josué com o saber geográfico, através da Antropologia presente na cadeira que lecionava.

É importante também salientar que na época estava a acontecer o processo de institucionalização da geografia no Brasil, projeto esse intrinsecamente ligado ao projeto modernizador na área educacional implementado a partir da década de 1930. “O reconhecimento como geógrafo e os estudos sobre nutrição abriram possibilidades para que passasse a ocupar espaços de destaque durante o Estado Novo e também no segundo governo Vargas.” (AMORIM, 2016) Durante os anos 1930, a urgência de um projeto de modernização para o Brasil e busca por identidades nacionais acabaram se articulando com o pensamento geográfico, principalmente por meio da relação entre natureza, sociedade e território, que estavam atreladas às ideias de progresso.

Conclusão

Depois de clinicar e lecionar no Recife por cinco anos, Josué de Castro deixa a sua cidade natal e ruma à então Capital Federal, o Rio de Janeiro:

> Os motivos de sua mudança repentina para o Rio de Janeiro permanece, assim como outros episódios de sua vida, sem muitas referências por parte de Josué. Os próprios filhos também não puderam ajudar a explicar este episódio na vida do pai, pois nada ou quase nada sabiam a respeito. O fato é que Josué parecia apagar da memória certos episódios de sua vida, alguns acontecimentos que deveria julgar só seus, quiçá dolorosos ou comprometedores não eram nunca revelados ou comentados, nem a nível doméstico. Em 1935, inicia no Rio de Janeiro uma nova vida. Deixa para trás a clínica freqüentada pelos clientes ricos, à docência de Fisiologia na Faculdade de Medicina, a de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, o cargo de vice-diretor da recém fundada faculdade, os



> amigos e também os desafetos. Uma nova fase da vida lhe aguardava com todas as suas venturas e desventuras. O Brasil vivia a - Era Vargas (AMORIM, 2016)

Os anos vividos no Recife foram de extrema importância na formação do intelectual Josué de Castro. Nas terras recifenses foram lançadas as bases do geógrafo que se consolidaria no Rio, as redes intelectuais foram formadas e o principal instrumento para formulação dos futuros trabalhos estava agora a disposição. Ademais a experiência acadêmica que adquiriu com a iniciação à docência, bem como pelo contato com a hierarquia do mundo universitário brasileiro foram essenciais nesse momento da trajetória.

Referências

AMORIM, Helder Remígio de. *Um Pequeno Pedaço do Incomensurável*: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro. Tese Doutorado em História: UFPE, 2016.

ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho*: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 2004.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, PIERRE. *A ilusão biográfica.* In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais Ferreira. *Usos e Abusos da história oral.* Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASTRO, Josué. *Um ensaio de Geografia Urbana.* A cidade do Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

CASTRO, Josué de. *Documentário Nordeste.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome.* A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.



FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* In: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GONSALVES DE MELLO, José Antônio. *Tempo dos Flamengos*: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 3ed. Recife: FUNDAJ / Editora Massagana / Instituto Nacional do Livro, 1987.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.